

Doc. IX (da *Positio*)
FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO
DAS ESCOLAS DE CARIDADE
(1812-1820)

INTRODUÇÃO

Neste documento, nos propomos estudar a gênese na mente dos irmãos Cavanis da nova Congregação Religiosa, e os eventos de sua realização histórica. Por coincidência, também precisaremos falar sobre um projeto semelhante de uma congregação feminina. Quanto à consolidação e aprovação canônicas, faremos um argumento de estudo nos próximos documentos XI e XIII. Para destacar melhor a coragem e a constância com que os Servos de Deus seguiram a implantação de seu projeto, até vê-lo traduzido na realidade, acompanharemos nosso estudo com algumas notas sobre as circunstâncias da época.

1. AS PRIMEIRAS IDEIAS (1812).

Quando os dois Cavanis iniciaram seu apostolado no meio da juventude, estavam longe de pensar o que pretendia o Senhor de serem fundadores de uma nova congregação. Mas quando viram que a piedosa instituição se desenvolvia além de suas expectativas, começaram pensar em como «garantir sua existência; não havia outro modo melhor do que fundar uma [...] congregação eclesiástica, onde a sucessão perene de sacerdotes zelosos, os quais, com o espírito vocacional para o ministério da caridade, se dedicassem a exercer o ofício amoroso de pais, sem remuneração pública ou privada, para os jovens que necessitassem de educação». Não há dúvidas de que o projeto desta congregação amadureceu em sua mente através de longas e repetidas reflexões. Mas quando tiveram a certeza da vontade de Deus a esse respeito, não hesitaram, embora tivessem consciência de que seu plano os exporia, como eles mesmos escreviam, «a novos pensamentos e preocupações para efetivá-lo». Acreditamos que as primeiras idéias surgiram no coração dos Servos de Deus após cerca de dez anos de experiência entre os jovens, talvez durante 1811, ou na primeira metade de 1812. Agora, se lembrarmos que em maio de 1810, foi pela vontade de Napoleão, a supressão geral de toda as corporações religiosas, o fechamento de conventos, a dispersão de homens e mulheres religiosas e o confisco de seus bens, percebemos que, realisticamente - embora fermentos religiosos sensíveis, incluindo os organizacionais, estavam em ato – não era imaginável uma nova congregação religiosa.

Não parece, também, que os Cavanis pensassem nisso a essa altura: já era muito se eles conseguissem reunir jovens à sua volta e manter o oratório aberto para as missas festivas. No entanto, também era necessário olhar para o futuro da obra «para garantir sua existência estável da melhor maneira possível». Se observa o realismo histórico dessas palavras. E a melhor maneira, então possível, era ter pelo menos alguns desses jovens que, sob seus cuidados, estavam desenvolvendo sua vocação para o instituto das escolas de caridade.

Mas aqui outro obstáculo, aparentemente intransponível, pareciam tirar toda a esperança de alcançar o objetivo: a lei sobre recrutamento militar, que isentava apenas clérigos que moravam no seminário. Nesta situação, os Cavanis, não perderam a coragem e, convencidos da urgência e dever que lhes incumbiam, tentaram o primeiro passo.

Em 2 de junho, o bispo de Faenza, Stefano Bonsignori, administrador capitular de Veneza, visitou o instituto. Ele havia sido convidado pelos Cavanis, do qual, esperavam ter apoio na questão das funções no oratório da escola, proibidas pela polícia. «Ele visitou o oratório, o pátio de recreação, as escolas, a casa de trabalho; ele mostrou plena satisfação de tudo [...]». Depois para ter «uma idéia mais precisa da instituição de caridade e manter a memória, solicitou uma informação detalhada de todo o plano da obra, que ele leu e acolheu com satisfação». Foi o primeiro contato, do qual eles esperavam que o prelado se conscientizasse de suas preocupações com o futuro da instituição. Em 13 de junho, confiando na boa impressão que ele teve, apresentaram-lhe um apelo, no qual pediram que dois clérigos fossem livres de recrutamento militar por meio do registro entre os alunos do seminário e isentos das obrigações do serviço paroquial. O passo a ser dado era ousado pelas circunstâncias e eles a entendiam (ibid.); mas era costume deles não desanimar diante das dificuldades. Bonsignori levou tempo para pensar sobre isso, também porque não queria comprometer com o governo, que infelizmente era um instrumento dócil. «Tendo resolvido algumas dificuldades[...], entendendo completamente a conveniência dessa pergunta, ele se comprometeu a pensar quando chegasse em Milão, onde deveria ir alguns dias». No entanto, se passou mais de um mês sem que os Cavanis recebessem qualquer resposta do bispo. O p. Marco então escreveu para a condessa Carolina Durini, explicando tudo e pedindo que ela mediasse com ele. Foi solicitado a senhora foi solicitada a realizar a comissão por meio de uma «pessoa muito eficaz»; mas a resposta ainda era temporária. Finalmente, ele voltou a Veneza e, em 20 de novembro, os dois irmãos o visitaram. Ele «introduziu por si próprio o discurso sobre argumento encaminhado, [...] declarou-se favorável em admitir que um jovem podia vestir o hábito religioso, e permanecendo fora do seminário fosse inscrito no serviço do oratório, onde sob a supervisão dos diretores se dedicasse à assistência dos jovens. Esse privilégio singular, chegou de modo inesperado; e ainda é digno de nota, dada a calamidade dos tempos atuais, na qual muita coisa deve acontecer, a permanência de alguns oratórios e também tendo em conta as dificuldades reveladas pelo próprio prelado em concordar que um clérigo tinha sido dispensado do seminário».

Após essas expressões de satisfação, encontramos o silêncio absoluto sobre o assunto: não se fala mais de clérigos a serviço do oratório escolar, nem de vestição. Nesse comportamento, de aparência tão estranha, acreditamos que podemos ver as intenções do modo de pensar dos servos de Deus. É provável que alguém os tenha esclarecido sobre a posição ilegal de Bonsignori na diocese de Veneza. Ele fora nomeado patriarca por Napoleão, mas sua nomeação não havia sido ratificada pela Santa Sé, como havia acontecido com o antecessor Nicola Gamboni.

No entanto, ele fora investido com a autoridade de administrador da diocese pelo capítulo metropolitano, ainda que sob pressão do poder político, e isso podia ser interpretado como um título legalmente válido. Na realidade, sua posição era canonicamente ilegal, porque, como bispo, ele não podia aceitar a intrusão em um local proposto pela autoridade leiga, nem o vigário capitular poderia lhe devolver a jurisdição comum depositada em sua pessoa. Isso poderia explicar como os Cavanis, tendo sabido da situação, preferiram abrir mão do privilégio obtido, em vez de se mancharem com a sombra de pouca lealdade à autoridade suprema do papa, cujos sofrimentos certamente não podiam ignorar. Por outro lado, esta hipótese parece ser validada pelo julgamento expresso por pe. Marco neste período chamado “tempo de confusão e perturbação”. Em suma, mesmo para os Cavanis, haveria um momento de verdadeira confusão, ao qual eles, iluminados, logo remediaram. Na expressão, pois deste julgamento sobre o período histórico turbulento, encontramos outro testemunho da prática comum dos dois irmãos de ocultar silenciosamente as fraquezas e defeitos dos outros.

2. O PRIMEIRO PLANO DA CONGREGAÇÃO APRESENTADA A PIO VII.

Depois do que foi relatado, os Cavanis tiveram que permanecer calados e ainda refletir entre si sobre a maneira mais eficaz de prover o futuro da obra, enquanto aguardavam com crescente ardor, o desenvolvimento das escolas. Assim passou o ano de 1813, enquanto a primeira idéia evoluiu em sua mente até que eles propuseram uma nova congregação.

Enquanto isso, os eventos precipitaram: o Veneto foi gradualmente ocupado pelas tropas austríacas que avançavam e, em vão, o vice-rei Eugenio animava as populações para a resistência. Em 3 de outubro de 1813, Veneza foi declarada estado de sítio. Napoleão foi finalmente derrotado em Leipzig no dia 20 do mesmo mês. Por sua parte, a população veneziana, apesar de que nos hospitais estavam aumentando os feridos, se mostrava indiferente e de bom humor. «Acontecia o tríduo em S. Marco; gastou mais, mas queria comer como sempre na véspera de Natal; pagaram 84 liras venezianas no Caixa do teatro S. Beneto para ouvir o Prometeu de Troilo Malipiero, repetido por quinze dias seguidos, com grande apoio popular. Ele participou do teatro S. Moisè; ele dançou no Ridotto e nos salões do teatro La Fenice». Em 16 de abril de 1814, o vice-rei Eugene foi forçado a assinar o armistício e entregar Veneza e Veneto à Áustria. No dia 20, as tropas austríacas ocuparam militarmente a praça e no dia 25, na festa de s. Marco, a notícia oficial foi publicada. O general Seras deixou Veneza acompanhado por vaías populares. Por fim, em 9 de maio, Bonsignori também foi pedir perdão ao papa por seu passado e regressar à sede de Faenza. Enquanto isso, o governo da diocese estava sendo assumido pelo arqui-diácono Mons. Luciano Luciani, eleito vigário capitular. Até Pio VII, com uma viagem triunfal, retornou para Roma. O retorno da Áustria a Veneza e do papa a Roma deu origem ao desejo dos Cavanis de submeter os planos amadurecidos em anos anteriores para o futuro da sua obra à autoridade suprema da Igreja e pedir sua aprovação.

Eles então prepararam cuidadosamente o documento e, em 28 de maio de 1814 o enviaram para seu amigo e benfeitor Carlo Zen, mais tarde arcebispo titular de Calcedônia, para entregá-lo ao papa.

3. CARACTERÍSTICAS DO PLANO DE 1814 NAS SUAS LINHAS ESSENCIAIS.

Como este é um texto importante, que publicamos, pretendemos acolher aqui as características essenciais que servirá para uma análise apropriada com os seguintes planos de 1816 e 1818. Dada uma breve análise dos males da época, da qual «turbulência total e [...] o investimento singular aos jovens», os autores passam a observar como está, por ignorância, ou por impossibilidade prática, ou por negligência de muitos pais, especialmente os pobres, crescem sem disciplina e abandonados a si mesmos. Portanto, é necessário, afirmam eles, suprir essas deficiências por parte dos pais, por meio de «trabalhadores bem treinados no difícil ministério, e ainda livres para que se dediquem plenamente». Agora, como não há um instituto religioso em Veneza que realize esse ofício, eles propõem uma congregação de padres seculares, que se dediquem com zelo e caridade, e providenciem a difusão de escolas inferiores gratuitas e, portanto, acessíveis a todos, nos vários distritos da cidade, de acordo com as necessidades das paróquias. É fácil constatar que o plano se baseia precisamente nessa perspectiva de espalhar as escolas de caridade por toda a cidade, para uma reparação integral dos jovens venezianos que precisam de educação. Para esse fim, os Cavanis excluem a escola como uma ferramenta educacional por si só e a consideram em uma visão pedagógica unitária, juntamente com a recreação e o ambiente de culto (o oratório). Como vimos, esse programa contrariou o programa do governo.

Não há dúvida de que a nova entidade religiosa, como previsto pelo plano, se inspira na Congregação dos padres seculares da educação e das escolas piás, também conhecidas como s. José de Calasanz, de Chioggia. Precisa ver o que se dirá a esse respeito no Doc. XII (intr.). Há também uma certa influência na organização dos filipinos, que os Cavanis conheciam há muito tempo no Fava. Dito isso, vejamos em síntese as características da congregação.

a) deveria ser um ramo da ordem dos clérigos regulares pobres da Mãe de Deus, fundado por s. José de Calasanz; portanto, deve ter o título de congregação dos sacerdotes seculares da Mãe de Deus.

b) objetivo: oferecer aos padres seculares «um novo meio e muito próprio para favorecer à sua santificação», comprometendo-os no serviço único da assistência gratuita aos jovens».

c) um meio fundamental deste apostolado é, como já foi dito, a escola gratuita integrado pelo oratório e pela área de recreação.

d) na congregação, não se fazem os votos e os membros são unidos entre si com o único vínculo «da caridade e da paz», como os filipinos.

e) cada um deve partilhar o fruto do patrimônio eclesiástico, a esmola das missas e qualquer outra doação recebida fora da escola.

f) cada um estará livre para deixar a congregação «quando julgar conveniente».

- g) a congregação também será livre para demitir «a quem considerar merecedor de expulsão».
- h) todos devem obedecer a um superior, o qual terá o título de diretor, e será assistido por dois consultores eleitos pela maioria dos membros.
- i) as regras «não vão impor nada, a não ser o necessário para uma disciplina regulamentada».
- l) o padrão de vida não deve ser austero, “tendo que suportar um trabalho muito exigente”.
- m) a roupa será aquela dos padres seculares, acrescentando alguns sinais distintivos.
- n) os fundadores consideram incompatível a inscrição de um congregado no serviço de uma paróquia, porque chamado a “um serviço que exige dedicação total”. Para a formação dos religiosos, é necessário que eles sejam do seminário e confiados aos cuidados da congregação.
- o) a congregação será dependente pelo ordinário, porém excluindo qualquer interferência dos padres da paróquia.
- p) os meios de subsistência baseiam-se na comunhão de bens, como mencionado no parágrafo e), e na “caridade dos fiéis”. Fica portanto sempre uma margem para o exercício de confiança na divina Providência.
- Concluindo, é importante ressaltar que não se menciona a casa de trabalho e à tipografia como meios educativos da instituição.

4. COMO O PROJETO CAVANIS FOI ACEITO EM ROMA.

Em 19 de janeiro de 1815, Carlo Zen escreveu para eles: «O plano foi muito apreciado, exceto pelo nome do instituto, que coincide com o das escolas pias, e acho que seria facilmente aprovado com poucas modificações, desde que o ordinário ou o soberano não oponha obstáculo». Com isso, ele deixou claro aos Cavanis de onde poderiam surgir as dificuldades mais sérias: a autoridade eclesiástica diocesana de Veneza e o governo austríaco, que a pouco se estabeleceram no Veneto, e cujas tendências acentuadamente jurisdicionais eram conhecidas. Logo começaria a estabelecer um programa de política de reestruturação eclesiástica, cujas repercussões afetariam diretamente o projeto em questão, como veremos. Desse conjunto de impressões e contingências político-religioso fez eco a resposta que o secretário da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, Mons. Giuseppe Morozzo escreveu às partes interessadas em 24 de novembro de 1814. A conclusão foi de que a aprovação do plano tinha sido adiada para tempos melhores e que os Cavanis ainda precisavam exercitar a paciência e a perseverança por um longo tempo. No entanto, foram grandemente consolados, pelos sentimentos do Santo Padre em relação a eles e pela sua bênção. Em 14 de dezembro, portanto, enviaram para Morozzo os agradecimentos, pedindo-lhe que ele fosse intérprete do papa e também para avisá-los quando fosse o momento favorável de reenviar seus pedidos. E acrescentaram: «para que não tenhamos que perder o que nos pertence e dar motivos para um atraso que poderia ser muito pernicioso».

Deste modo, sem querer, manifestaram os motivos que estavam na base, para com insistência alcançar seus objetivos, seja o plano da congregação ou na liberdade de suas escolas: se Deus os havia chamado para fundar uma congregação, eles tinham o dever e a responsabilidade de responder fielmente à vocação, e temiam somente perder por culpa própria.

Visto que, no entanto, estavam preocupados em não perder a oportunidade de obter para o instituto um dos conventos deixados vazios, após a supressão napoleônica, e isso parecia urgente, em 20 de maio de 1815 dirigiram um pedido ao papa pedindo: «se apresentasse ao menos a autorização ao ordinário para reservar um dos conventos próximos a futura congregação, indicando que aquele que pertencia ao Somaschi era mais adequado». Para o mesmo objetivo, se comunicaram com o Card. Consalvi em 19 de agosto. Certamente não poderiam saber que outros problemas ainda mais sérios estavam no tapete diplomático, incluindo as relações da Santa Sé com o governo austríaco e as questões das eleições de sete bispos do Veneto, incluindo o patriarca de Veneza. Os dois pedidos permaneceram, portanto, sem resposta. Assim «tudo ainda permaneceu no escuro e no silêncio –comentou o pe. Marco –, e ainda assim ocultamente nos aproximamos de um prazo muito feliz».

5. A PRIMEIRA VISITA DO IMPERADOR AOS INSTITUTOS CAVANIS:

12 de dezembro de 1815.

«A Divina Providência suscitou o ânimo religioso do imperador Francisco I para homenagear o instituto no dia de sua visita». Nas Memórias do Instituto, na mesma data do dia 12, p. Marco registrou detalhes dessa importante visita. Nos referimos aqui somente na introdução: «Nesta manhã, que celebramos o ofício da B.V. de Loreto, por volta das 11 horas da manhã, as escolas de caridade foram homenageadas com uma visita de s.m. Imperador Francis I. Na festa anterior da Conceição da B.V. chegou a notícia dessa visita, que seria realizada no dia seguinte; mas permaneceu suspensa e foi adiada até terça-feira, para outra solenidade de Maria ss». A ocasião foi excelente, não apenas para solicitar a generosidade do soberano, mas também, sobretudo para prever o futuro da obra. A satisfação particular que ele demonstrou “inspirou grande confiança nos tutores irmãos, para obter, em uma ocasião tão auspiciosa, a esperada aprovação para fundar a nova congregação”. Para esse fim, eles já haviam preparado um pedido e entregaram-lhe. O imperador recebeu com bondade e mandou às informações necessárias.

Em 10 de fevereiro de 1816, «não vendo nenhuma evidência do memorial apresentado na mão de sm, a respeito do projeto da congregação eclesiástica», apresentaram um novo pedido ao governador, conde de Goess, que repetidas vezes se mostrou favorável para com eles, como se pode ser ver nas Memórias do Instituto. Sua intervenção tinha que ser eficaz, se em 1º de março, a delegação da província real solicitasse o plano da nova congregação. Em 7 de março, os Cavanis apresentaram o documento, que em essência não difere do apresentado ao papa. No entanto, não há menção ao projeto de espalhar escolas inferiores nos vários distritos da cidade, talvez por um critério de prudência, uma vez que alguns argumentos precisavam agora circular nos órgãos governamentais em questão e não prejudicasse a prática. Após o

processo burocrático do mesmo, eles descobriram que o conselho do governo estava prestes a pronunciar sua opinião; então, em 15 de maio, tiveram a iniciativa de apresentar uma pró-memória para alguns vereadores, ilustrando as razões sociais e pedagógicas em favor de seu projeto. Enquanto esperavam que isso fosse encaminhado à corte imperial, na sessão de 18 de maio, o conselho decidiu manter tudo suspenso, até que “surgissem resoluções soberanas sobre a educação do povo”. A amargura da inesperada resolução foi consolada por um documento de louvor e encorajamento pelo zêlo deles, que publicamos.

6. O PATRIARCA FRANCISCO MARIA MILESI E OS CAVANIS.

Em 17 de novembro de 1816, de maneira estritamente privada, chegou em Venezia o novo patriarca Francisco M. Milesi. Em 3 de dezembro, os dois irmãos deviam homenageá-lo e apresentá-lo um pedido, «no qual, levando em conta o plano planejado por eles de uma congregação eclesial para prover a educação da juventude pobre e as dificuldades que surgiram para colocá-la em prática, ele implora [va] não uma qualquer provisão para a existência do instituto». Milesi respondeu oralmente, «mostrando seu boa intenção de colaborar com a obra, mas ao mesmo tempo fazendo conhecer o forte obstáculo e circunstâncias dos tempos». Ainda tínhamos que ser pacientes. E esperaram mais seis meses, até que decidiram preparar dois padres amigos, o filipino Roberto Balbi e o bispo Giuseppe Molinari, confessor dos jovens das escolas, para solicitar do patriarca, seis candidatos isentos do serviço paroquial, que poderiam ser educados sob direção deles. O resultado da missão foi positivo e, em 18 de abril de 1817, Milesi confirmou aos dois irmãos o que ele havia dito, e ele realmente considerou a questão, aconselhando-os a apresentar as cartas dos candidatos diretamente a ele, para evitar qualquer confusão. Assim, em 14 de maio de 1817, na véspera da Ascensão, três jovens puderam se reunir na casa do jardim, sob a orientação do padre e professor das escolas Pietro Loria: Domenico Todesco, Pietro Spernich; Giovanni Greco. No dia seguinte, iniciaram um curso de exercícios espirituais; no dia de Pentecostes, Spernich vestia o hábito religioso e col Todesco, recebeu sobrepeliz das mãos de pe. Antonio, na presença dos alunos maiores das escolas.

7. APROVAÇÃO GOVERNAMENTAL E PATRIARCAL DO PLANO CAVANIS.

Antes de tratar como terminaram as práticas para a aprovação dos planos dos Servos de Deus por parte da autoridade civil e, em seguida daquela religiosa diocesana é necessário fornecer uma informação histórica.

a) O decreto de Spalato. - O restabelecimento das corporações religiosas suprimidas pelo regime napoleônico fazia parte do programa austríaco de restauração na região da Lombardia-Veneto. Para regulamentar essa restauração com critérios práticos para a religião e o estado, em 17 de maio de 1818, Francisco I emitiu de Spalato, um decreto que de certa forma favoreceu a intenção dos Cavanis. No dia 24, o vice-governador Porcia, notificou as regras de execução ao patriarca de Veneza. Entre outras coisas, lemos: «S.m.i.r.a.¹ se dignou a declarar que, com relação à restauração

das corporações eclesiais e seculares, é de sua vontade que, no reino lombardo-veneziano, aquelas comunidades da Igreja e do Estado sejam chamadas para a educação e instrução dos jovens; depois, para recordar e cuidar dos pobres órfãos, abandonados e enfermos; depois na assistência e cuidado de almas e no confessionário, para o qual o propósito último è aquele de servir aos mendigos». Fica clara a prioridade que a implementação do decreto deu à reconstituição das corporações que se dedicavam ao ensino e educação da juventude. Obviamente, para fazer isso, o governo pediu indicações claras aos bispos diocesanos. No que diz respeito aos institutos femeninos e ao campo de sua ação educativa, o governo deu as seguintes diretrizes: «Se recomenda aos ss. ordinários ...de propor para as corporações femeninas que, além da educação das filhas nobres e ricas, também [...] possam atender a educação das filhas da classe média, com a vantagem de que as escolas públicas possam ser abertas no respectivo convento, mosteiro, o jardim como se achar melhor». Não houve menção a novas instituições, mas era óbvio que o governo as levaria em consideração, especialmente se elas pertencessem à categoria dedicada à educação e instrução dos jovens, ainda mais, se pobre.

b) O patriarca Milesi apresenta o plano dos Cavanis ao governo. Milesi, portanto, cumpriu sua tarefa no tempo estabelecido e, em julho de 1818, chamou os Cavanis e solicitou que apresentassem o plano do instituto “esperando bom êxito”. Vejamos agora em síntese a sucessão dos fatos.

27 de julho de 1818: - Os Cavanis apresentam o plano das duas congregações masculina e femenina ao patriarca. Ele examina e sugere uma configuração diferente.

14 de setembro: - O patriarca encaminha o documento com apóio favorável do governo.

26 de setembro: - O governador, Conde de Goess, responde ao patriarca que não tem problema por parte do governo que os Cavanis se associem a outros padres como meio de subsistência. Para o instituto femenino, por outro lado, a falta de meios de subsistência dificulta em tudo.

12 de outubro: - O patriarca envia o texto da resposta do governo aos Cavanis. Cheios de alegria, comunicam a notícia aos seus alunos e, em ação de graças ao Senhor, solenemente expõem o Santissimo, o dia todo, e apontam para uma coroa de flores em homenagem a Nossa Senhora.

14 de outubro: - Os Cavanis levam o plano de mudanças solicitado pelo governo para o instituto femenino e apresentam-as ao patriarca pede também aprovação soberana para o instituto masculino.

24 de outubro: - O patriarca encaminha ao governo o projeto das mudanças solicitadas.

27 de janeiro de 1819: - Os Cavanis, através do arcebispo Carlo Zen, pedem ao Papa algumas autorizações para a compra, posse e uso de edifícios de origem eclesiástica em favor da próprias instituições; unem também um extrato do plano dos dois institutos. As autorizações foram recebidas em 7 de agosto; mas a questão do plano, que nas intenções dos Cavanis, desconhecendo as práticas da cúria romana, deveria ter sido terminado no encontro de Zen com o Papa, pelo contrário, foi ao invés, por um outro caminho.

23 de fevereiro: - Segunda visita do imperador ao instituto. Ele exprime o desejo de que a congregação seja aprovada e se estenda em outros lugares.

25 de fevereiro: - Visita de agradecimento dos Cavanis ao imperador, que lhes assegura seu compromisso pessoal de acelerar o processo de aprovação.

16 de março: - Por ocasião da visita a Roma do imperador Francisco I, através de Mons. Zen, um apelo ao Papa, implorando que se aproveitasse a ocasião “para combinar em conjunto a proposta tão esperada de ereção da congregação eclesiástica”. Mas o documento é entregue para o S. Congr. dos Bispos e Regulares para informações ordinárias.

19 de junho: - O imperador assina o decreto de aprovação do plano Cavanis em Perúgia.

24 de julho: - O Pe. Marco visita o imperador, que se encontra em Strà, perto de Pádua. Ele anuncia de ter inscrito o plano, repetindo várias vezes: «¡Oh, com quanto prazer eu registrei!».

21 de agosto: - A real delegação comunica a sanção suprema.

25 de agosto: - Pedido dos Cavanis ao Patriarca Milesi, para obter o decreto que “os autoriza a erigir as duas congregações aprovadas”.

Agosto: Enquanto isso, a Congregação S. dos Bispos e Regulares, para quem foi entregue o rascunho do plano de 27 de janeiro e o apêlo de 16 de março, pede ao patriarca informações sobre a proposta da nova congregação. O patriarca continua angustiado com o constrangimento em que se encontra «o de deixar sem resposta a S. Congregação, ou se expor a si mesmo e o novo instituto ao governo, entrando em contato com Roma sem a licença prévia do governo»: o que foi severamente necessário. Até os Cavanis continuam angustiadíssimos, porque não podem se explicar ao prelado que está gravemente doente e porque temem que ele morra antes de solicitar o decreto. A mediação do sr. Giuseppe Alessandri suaviza as dificuldades do mal-entendido.

14 de setembro: - O Milesi, por sua própria iniciativa, finalmente ordena a elaboração e envio do esperado decreto. O p. Marco comenta: «Um complexo de circunstâncias notáveis demonstrou de maneira especial como devemos nos humilhar e confessar indignos de tanta graça e, por outro lado confiar sempre na bondade divina, resolvendo as coisas e qualquer obstáculo que se interponha no caminho».

18 de setembro: - Os Cavanis recebem o decreto. Na mesma manhã, o patriarca Milesi morre.

21 de janeiro de 1820: - Através do arcebispo Zen, que se tornou secretário do S. Congr. dos Bispos e Regulares «com plena tranquilidade de consciência e para o benefício e conforto do instituto nascente» imploram do papa:

1) não um resumo, mas uma “segurança” da sua aprovação para a fundação das duas congregações;

2) o direito de abrir casas mesmo fora da diocese;

3) o direito de usar um distintivo nas roupas das congregações;

4) o direito de solicitar para o Instituto o antigo convento dominicano de Zattere. Um cuidado particular é tomado para fugir do controle da polícia nesta passagem, tratando-se, como eles afirmam, “coisas da consciência”.

c) Algumas observações. - Comparando os três planos: 1814, 1816, 1818, os dados mais escassos são os de 1816. No entanto, se considerarmos que os Servos de Deus os compilaram exclusivamente para a autoridade civil, percebemos como eles achavam apropriado apresentar um mínimo indispensável de informações, para não amarrar imprudentemente as mãos. Seu silêncio, portanto, sobre certos assuntos não significa regressão em relação ao plano de 1814, mas prudência. O plano de 1818 difere dos outros dois, seja porque leva em consideração também a instituição feminina, seja porque é mais conciso e ao mesmo tempo mais analítico que o de 1814: a influência das correções sugeridas pelo patriarca é evidente. Se entende, portanto, porque exalta alguns pontos e especifica outros, que deveriam interessar mais de perto o governo. Além disso, não se incentiva mais somente nas escolas dos distritos da cidade, mas se busca uma difusão mais ampla além dos limites da cidade e da diocese de Veneza. No entanto, é fácil verificar que as linhas fundamentais da congregação permanecem inalteradas: espírito, propósito, gratuidade das escolas, ausência de votos, liberdade de deixar a congregação e liberdade de renunciar em certos casos, meios de subsistência. As diferenças mais relevantes, ou seja, aquelas que indicam progresso, são as seguintes:

- 1) a congregação não é mais apresentada como um ramo da ordem dos escolapios; e, portanto, mudou também a denominação;
- 2) se introduz o tema, querido pelos Cavanis, dos exercícios espirituais, para os quais estarão disponíveis as casas da congregação em determinados períodos do ano;
- 3) se especifica que «o espírito interno da obra [...] visa aperfeiçoar o exercício da caridade para com Deus e o próximo», e pela primeira vez falamos de “comunidade perfeita»;
- 4) se especifica também que em cada casa a disciplina e a administração interna dependem do diretor; acrescenta-se que as várias casas serão independentes uma da outra e, portanto, “se considerarão irmãs”; e que finalmente estarão sujeitos ao seu respectivo ordinário diocesano;
- 5) por último, não parece insignificante, o pedido feito para o uso da congregação da igreja vizinha de S. Inês.

8. O P. ANTONIO DEIXA SUA PROPRIA CASA PARA COMEÇAR A NOVA CONGREGAÇÃO.

Tendo recebido os decretos, mencionados acima, os Servos de Deus pensaram em preparar a sede da congregação. Se chegava assim em 27 de agosto de 1820. Nessa data, os Servos de Deus haviam decidido começar a vida da nova congregação. Eis como p. Marco fala sobre isso nas Memórias do Instituto: «27 de agosto de 1820. - Celebrando neste dia, a festa de nosso principal protetor José de Calasanz, se começou a viver na casa que havia sido preparada para a nova congregação. Entrou o mais velho dos diretores, e o outro ficou para cuidar da mãe octogenária, e se uniram os clérigos Pietro Spernich, Matteo Voltolini e Angelo Cerchieri se e, como ajudante o jovem Pietro Zalivani, todos com o espírito de pertença ao novo instituto. A nova casa foi abençoada pela primeira vez pelo nosso pároco; e Deus o Senhor se digne fazer florescer sempre com a sua santa bênção». Essa “nova casa” foi feita de uma

série de prédios pequenos e antigos corroídos pelo sal, comprados do Estado junto ao pátio de recreação. Apesar dos trabalhos de adaptação, ela se manteve sempre com a marca da pobreza e, com prazer os Servos de Deus a chamaram de casinha, e assim se continuou a chamar sempre na congregação. Comenta a esse respeito p. Zanon: «Nesta casa umida e insalubre viveram os irmãos Cavanis, por isso deixaram a sua casa nobre, saudável, ensolarada e arejada, localizada em uma das partes mais bonitas de Veneza. O espírito do Senhor levou-os a corresponder de maneira plena com a vocação divina [...] no espírito e na verdade da pobreza evangélica».

No que diz respeito a esta pobreza real, que pe. Antonio estava pronto para abraçar, Salsi testemunhou que, dois dias antes de sair de casa, o Servo de Deus tirou as fivelas de prata dos sapatos e as deu a ele, “ne quid aliud profani ornamenta sibimet superesset”. Ele tinha 48 anos e sete meses de idade.

9. O PLANO DA CONGREGAÇÃO FEMENINA.

Para completar o que foi dito acima, acrescentamos algumas indicações para o plano da congregação para com os professores das escolas de caridade. O espírito animador obviamente não è diferente do instituto masculino; os Cavanis, no entanto, se referem explicitamente também para a Canossa, que ele imprimiu com seu espírito os primeiros professores.. Ao fazer uma comparação entre o plano dos Cavanis e o plano apresentado por Madalena à autoridade eclesiástica e civil, é fácil verificar não apenas por analogia, mas também em muitos pontos a verdadeira identidade. Certamente o governo teve a impressão de que o documento dos Cavanis dependia das Conossianas e o expressou claramente ao patriarca: «Se a proposta corporação (*fundação*) tivesse, a maioria das regras adotadas pelo instituto fundado pela ilustre senhora Canossa [...]]”. Se, no entanto, como observado, não se pode negar uma verdadeira influência canossiana no trabalho dos Cavanis, acreditamos mais que uma transmissão de idéias em seu campo, deveríamos falar de influência mútua e coincidência de pensamento. Não é de outra maneira que podemos explicar a tenacidade com que os nossos defenderam sua própria instituição, apesar das desvantagens econômicas que sofreram em comparação com aquela Canossiana. Se eles não estavam sinceramente convencidos de sua originalidade, parece inexplicável como eles não pensaram, nem aceitaram o conselho de unir sua obra com aquela Canossiana. De qualquer forma, a única objeção que o governo observou contra o plano Cavanis foi de que não encontrava suficientemente segura, a subsistência econômica do instituto conforme tinha sido configurado por eles; e, se pensava de convidá-los a imitar as Conossianas, que para as filhas da caridade haviam imposto a obrigação do dote pessoal como condição para entrar na congregação. E acrescentou um desejo: que os Cavanis concordassem com as canossianas, para que os professores das escolas de caridade “assumissem também o peso da assistência nos hospitais”, tornando-se assim irmãs da caridade e “estendendo assim os benefícios do instituto Canossiano”. É claro o que o governo estava buscando com essa proposta.

Os Cavanis concordaram em impor a obrigação do dote aos postulantes; se declararam dispostos também aceitar a assistência nos hospitais, a fim de não contradizer o governo, e obter a aprovação desejada. Por outro lado, não era urgente a

implementação, para a qual se previa alguns anos de tempo. Felizmente, o imperador não gostou das notícias, afirmando que os professores “seriam assim desviados do objetivo da instituição”; e o plano foi aprovado, mantendo intacto o espírito dos fundadores.

¹ S.m.i.r.a.: significa *Sua Majestade Real Apostólica Imperial* (Título próprio do Imperador da Áustria)

(traduzione dall'Originale italiano, a cura di P. Irani L. Tonet – ROMA)